

**RELACIONAMENTO ABUSIVO: CARACTERÍSTICAS DO ABUSADOR E
PREJUÍZOS À VÍTIMA****ABUSIVE RELATIONSHIP: CHARACTERISTICS OF THE ABUSER AND HARM
TO THE VICTIM****RELACIÓN ABUSIVA: CARACTERÍSTICAS DEL ABUSADOR Y DAÑO A LA
VÍCTIMA**

10.56238/sevened2026.001-032

Lua Gabriela Cotomau Strohschein

Psicóloga

Instituição: Sociedade Educacional Três de Maio (SETREM)

E-mail: luagabriela2018@gmail.com

Aline Cristina Riffel

Pós-graduada em Orientação

Instituição: Centro Universitário Internacional (UNINTER)

E-mail: aline.riffel@setrem.com.br

RESUMO

Historicamente, as mulheres ocupam posições de submissão em relação aos homens, o que contribui para sua vulnerabilidade em relações abusivas, marcadas por agressões físicas e psicológicas. Nessas situações, a vítima encontra dificuldades em romper com o vínculo, o que acarreta sérios prejuízos emocionais. Para compreender essa dinâmica, foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo, por meio de entrevistas com mulheres que vivenciaram e conseguiram romper com relacionamentos abusivos. O objetivo foi identificar o perfil psíquico da vítima e do agressor, bem como as consequências emocionais decorrentes da relação, buscando também confirmar referenciais teóricos já existentes. Com base nos dados empíricos e na literatura, especialmente à luz da psicanálise, constatou-se que o agressor tende a apresentar comportamentos de dominação, controle e chantagem, reforçando sua posição de superioridade. A vítima, por sua vez, assume um papel passivo, demonstrando dependência afetiva e dificuldade em impor limites, o que culmina em esgotamento emocional. Conclui-se que o reconhecimento do abuso é fundamental para a quebra do ciclo, sendo a psicoterapia um recurso essencial para a ressignificação subjetiva e a reconstrução de sua autonomia emocional.

Palavras-chave: Relacionamento Abusivo. Vítima. Agressor. Dependência Emocional.

ABSTRACT

Historically, women have occupied positions of submission in relation to men, which contributes to their vulnerability in abusive relationships marked by physical and psychological violence. In such situations, victims often struggle to break free, resulting in significant emotional harm. This study conducted qualitative field research through interviews with women who experienced and managed to leave abusive relationships. The objective was to identify the psychological profiles of both victim and

aggressor, as well as the emotional consequences arising from such harmful dynamics, while also validating existing theoretical frameworks. Based on empirical data and literature, particularly through the lens of psychoanalysis, it was found that the aggressor tends to exhibit controlling and manipulative behavior, reinforcing a sense of superiority. The victim, in turn, assumes a passive role, characterized by emotional dependency and difficulty in setting boundaries, leading to emotional exhaustion. The recognition of abuse is essential for breaking this cycle, and psychotherapy plays a crucial role in deconstructing repetitive patterns and fostering emotional autonomy.

Keywords: Abusive Relationship. Victim. Aggressor. Emotional Dependency.

RESUMEN

Históricamente, las mujeres han ocupado posiciones de sumisión en relación con los hombres, lo que contribuye a su vulnerabilidad en relaciones abusivas marcadas por violencia física y psicológica. En tales situaciones, las víctimas suelen tener dificultades para romper el vínculo, lo que genera importantes daños emocionales. Este estudio realizó una investigación de campo cualitativa, mediante entrevistas con mujeres que vivieron y lograron salir de relaciones abusivas. El objetivo fue identificar los perfiles psíquicos de la víctima y del agresor, así como las consecuencias emocionales derivadas de esta dinámica perjudicial, además de verificar marcos teóricos ya existentes. A partir de los datos empíricos y de la literatura, especialmente desde la perspectiva del psicoanálisis, se constató que el agresor tiende a presentar comportamientos de dominación, control y manipulación, reforzando un sentimiento de superioridad. La víctima, por su parte, asume un papel pasivo, caracterizado por dependencia emocional y dificultad para establecer límites, lo que conduce al agotamiento emocional. El reconocimiento del abuso es fundamental para romper este ciclo, y la psicoterapia desempeña un papel esencial en la desconstrucción de patrones repetitivos y en la reconstrucción de la autonomía emocional.

Palabras clave: Relación Abusiva. Víctima. Agresor. Dependencia Emocional.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, em suas diversas formas — especialmente agressões físicas e psicológicas ocorridas em relacionamentos afetivos — é um problema social que atravessa séculos e permanece presente até os dias atuais. Desde os tempos mais remotos, a desigualdade entre homens e mulheres já era evidente, sendo que a própria história das mulheres foi, por muito tempo, narrada sob a ótica masculina. Como explica Del Priore (2004, p. 9), para investigar a vivência feminina entre os séculos XVI e XVIII, foi necessário recorrer a documentos como “[...] processos da Inquisição, processos-crime, leis, livros de medicina, crônicas de viagem, atas de batismo e casamento”.

Perrot (2007, p. 16) complementa que “as mulheres deixaram poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio, o que lhes retirou a possibilidade de narrar sua própria história”. Em geral, cabia às mulheres o cuidado com a casa, os filhos e o marido, ocupando assim um espaço de pouca visibilidade e limitada participação na esfera pública. Essa construção histórica perpetua uma ideia de submissão, dificultando a conquista do protagonismo feminino sobre a própria vida.

Iaconelli (2023) propõe reflexões relevantes sobre o ser mulher e o modo como a sociedade ainda a percebe como uma versão inferior do homem. Enquanto aos homens era socialmente permitida a liberdade sexual, às mulheres era imposta a abstinência, enaltecendo-se a figura da “boa mulher”, recatada e do lar. Tal ideia dialoga com Freud (1996b), ao afirmar que às mulheres são atribuídos os interesses da vida familiar e sexual, enquanto os homens assumem o trabalho cultural, os desafios e a capacidade de realização. Tais construções culturais, reforçadas por tabus, leis e restrições, continuam afetando profundamente a condição feminina.

Diante desse contexto, percebe-se que a desigualdade de gênero é histórica e estrutural. Mesmo com os avanços promovidos pelas lutas feministas, muitas mulheres ainda são tratadas como inferiores, e até mesmo como objetos ou propriedades de seus companheiros. Como afirma Mardegan (2023, p. 67), “as relações de poder na sociedade contemporânea, mesmo diante das significativas conquistas do movimento feminista nas últimas décadas, ainda são fortemente pautadas pelo patriarcalismo [...]”. O conceito de patriarcado, segundo Saffioti (2015, p. 47), “[...] como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens.”

As mulheres são vítimas de inúmeras formas de violência. Nos relacionamentos abusivos, o agressor geralmente inicia a relação com demonstrações de afeto, confiança e atenção, criando um vínculo ilusório. Posteriormente, surgem comportamentos hostis, como discussões, silêncios prolongados e afastamento emocional, que revelam traços sádicos e manipuladores. Nesse processo, a vítima é levada a duvidar de sua percepção e a acreditar que é a responsável pela situação, o que a mantém presa ao ciclo de violência (Xavier, 2022).

Freud (1996a) observa que, ao amar, o sujeito direciona sua energia psíquica (libido) ao objeto

de desejo, buscando preencher lacunas de um ideal inatingível. No contexto dos relacionamentos abusivos, essa dinâmica psíquica se expressa em uma entrega da mulher ao agressor, gerando impactos significativos em sua saúde física, mental e social (D'Agostini et al., 2021). Compreender o funcionamento desses relacionamentos — incluindo os traços psíquicos do agressor e da vítima — é essencial para romper padrões de repetição e promover a autonomia da mulher.

Segundo dados da Secretaria da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul (SSP/RS, 2025), em 2024 foram registradas 235 tentativas de feminicídio, 72 homicídios consumados, 31.316 denúncias de ameaças, 2.369 casos de estupro e 18.735 ocorrências de lesão corporal. Tais números reforçam a urgência de estudos sobre o tema. Diante disso, este trabalho tem como objetivo explorar a dinâmica dos relacionamentos abusivos, à luz da psicanálise, buscando compreender as características psíquicas da vítima e do agressor, bem como as consequências emocionais decorrentes dessa relação.

2 MÉTODO

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, com dados obtidos por meio de entrevistas baseadas em um questionário estruturado. O instrumento investigou, de forma aprofundada, os discursos das participantes sobre as características dos relacionamentos abusivos que vivenciaram. A condução da pesquisa e a coleta de dados foram autorizadas pela Secretaria de Políticas da Mulher do município de Três de Maio e pela Secretaria de Segurança Pública, representada pela Brigada Militar de Horizontina, ambos localizados na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

A participação das mulheres ocorreu mediante a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado antes da entrevista. Participaram da pesquisa três mulheres que vivenciaram relacionamentos abusivos. Para preservar a identidade das participantes, foram utilizados nomes fictícios. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2024, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, a fim de garantir a fidedignidade dos dados.

Durante a análise, apenas duas entrevistas atenderam plenamente aos critérios de inclusão. A terceira foi desconsiderada, pois a participante retomou o relacionamento abusivo durante o andamento da pesquisa. As informações coletadas foram organizadas e agrupadas em quatro categorias temáticas: (1) Perfil psicológico do agressor; (2) Perfil psíquico da vítima; (3) Consequências dos atos abusivos; e (4) A escuta e o lugar da palavra: atuação da psicologia. Os relatos foram analisados à luz de contribuições científicas relevantes sobre relacionamentos abusivos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 PERFIL PSICOLÓGICO DO AGRESSOR

A análise do perfil psicológico do agressor encontra respaldo nas considerações de Eiguer (2014) sobre a perversão narcísica, a qual envolve características como a habilidade de persuasão, a grandiosidade inflada e o prazer excessivo na contemplação da própria imagem. Assim dizendo, transmite ser alguém sedutor através de seus galanteios, acredita deter de toda razão e ser superior a outros, busca por admiração excessiva e desvaloriza o outro sem se importar com os sentimentos dele. Em muitos casos há histórico de abuso sofrido quando criança, seja emocional ou físico, o que pode contribuir para seu comportamento atual.

Campos et al. (2023) reportam que por trás da máscara de autoconfiança, o agressor esconde uma auto estima frágil. O que se percebe então, é que por vezes, ele apresenta ser um sujeito com uma imagem respeitosa criando uma ilusão de ser confiável, e por conseguinte, é alguém bem visto socialmente. Para enganar as pessoas, o agressor geralmente utiliza de seu controle e manipulação, monitorando assim a vítima através de chantagens, agressões físicas, psicológicas, e até mesmo com ameaças. Ainda, facilmente sente-se irritado e desconta sua raiva na companheira, e ao diminuí-la pode se satisfazer. O quadro 1 apresenta as principais características do perfil psicológico do agressor, tendo como base os relatos coletados neste estudo.

Quadro 1 - Perfil psicológico do agressor.

Características	Entrevistada Nadini	Entrevistada Estrela
Capacidade de persuasão e sedução	“A minha sobrinha: - Mas madrinha lá em casa, quando meu padrinho vinha, eu tinha a visão de um outro padrinho que vocês falam. Em resposta, a L. disse: - C., não é o que tu tá pensando, o pai com vocês era diferente do que ele era com nós”.	“Só que sempre foi. No início estava mil maravilhas. Ele fazia as coisas que eu queria, prometia que ia me dar a vida, que ia fazer as coisas boas pra mim. Tudo como eu queria... só que daí começava a ter uns ataques de ciúmes, privar eu de sair com minhas amigas, de fazer uma janta com minhas amigas...”.
Controle	“Se eu lavava roupa ele brigava. Se eu fazia alguma coisa ele brigava. Meu Deus do céu!? Não podia fazer nada. Só tinha que tratar, e tratar gado, e fazer coisas”.	“Pra ele estava confortável. Ele tinha controle sobre tudo”.
Sadismo	“Ele fala que eu não presto, eu que sou a vagabunda, eu que sou a p... Eu que sou tudo isso”.	“Ele segurava o meu braço, às vezes”.

Projeção de culpa	“A culpa é toda minha”.	“Ele brigava comigo. Dizia que a vida dele era sempre a mesma, que quando ele chegava do trabalho ele tinha que sentar e assistir TV, e eu tinha que sair. ...Como se fosse a minha culpa que ele não tivesse outra coisa pra fazer ...mais ou menos isso”.
Ameaças	“No dia que nos separamos, ele queria me matar, e queria matar minha filha”.	“Ele ameaçava que ia bater o carro contra o caminhão”.
Manipulação	“Ele disse assim: - Será que a mãe iria aceitar o pai de volta? Como seria bom se o pai pudesse voltar a morar com vocês”.	“Quero comprar um relógio... tal relógio. Daí ele briga: - Esse relógio é muito caro, ele não tem nada a ver contigo. O teu salário é muito pouco, e eu não vou te ajudar-. Eu nunca mais vou falar desse relógio. Nunca mais na minha vida... por que eu tenho medo”.
Possessão	“Fico em casa, trabalhando, sabe?...o dia inteiro, cuidando da minha filha”.	“Ele me afastou da minha família. Me afastou de um jeito, que eu não conversava sobre com eles sobre a vida, sobre os planos”.

Fonte: Dados da pesquisa

Xavier (2022) destaca que no início do relacionamento, o companheiro passa uma boa imagem, alguém atencioso e carinhoso diante de sua mulher e conhecidos. Entretanto, após conquistar a mulher apresenta-se com seu real funcionamento, as chantagens, controle e aprisionamento. A capacidade de persuasão e sedução é percebida por meio dos relatos de Nadini e Estrela (quadro 1).

Constata-se por meio das falas das entrevistadas, que o início do relacionamento é pautado por um comportamento sedutor, fazendo tudo o que a vítima deseja, para que desse modo possa ter ela sob o seu controle. Na sequência, alguns outros relatos que demonstram os traumas emocionais perpetuados na vítima e em outros familiares da vítima.

Os relatos mencionados por Nadini, demonstram a raiva sentida por conta dos inúmeros comportamentos hostis dele perante ela e sua filha, o quanto lhe trouxeram sofrimento, impedindo-a de lembrar de como era o relacionamento deles no início. Em especial, nesta frase a entrevistada fala com muito remorso, deixando evidente a raiva e mágoa sentida diante das violências que sofreu: “Nojo! Ódio! Eu não posso nem olhar pra cara dele” (Nadini).

Ainda em Xavier (2022), são evidenciadas outras características de funcionamento dos relacionamentos abusivos, os quais em geral são grifados de excessos, tais como: brigas, controle sobre o outro em relação às amizades, celular, roupas, gastos, e desse modo, consegue ter o domínio da mesma, colocando a vítima em uma posição passiva. Além dos relatos sobre o controle sobre as

vítimas que constam no quadro 1, outras falas evidenciam tal característica do agressor, tais como: “Ele tirava meu telefone” (Nadini), e “Ele retraía o que eu queria fazer da minha vida, o que eu queria viver, se eu queria viajar, se eu queria ir na casa dos meus pais tomar um mate com a minha mãe” (Estrela).

Por mais que as companheiras se submetam ao desejo do agressor, ainda não é o suficiente diante de sua sede de posse e domínio total. Freud (1996b), menciona que o sujeito sádico apresenta um comportamento cruel. Já a vítima pode ser vista como masoquista, afinal, emprega instinto de destruição interna. Nos relatos das entrevistadas, há evidências de uma postura sádica e indiferente às perspectivas emocionais das vítimas, sendo perceptível a satisfação e o prazer empunhado pelos agressores ao fazê-las de objeto, reféns de seus mandatos. O sadismo também é conhecido por ter necessidade de inferiorizar para satisfazer seus desejos sexuais (Alves & Campista, 2023).

Outro aspecto evidenciado, está em concordância quando Kotzent (2017) afirma que o agressor projeta aspectos de si em outro sujeito, como a culpa, raiva, desconfiança e insatisfação. Ao projetar sua responsabilidade sob a outra pode sentir-se aliviado, o que gera uma confusão psíquica para a companheira, afinal, seu comportamento não condiz com suas palavras. Em consequência, a companheira pode questionar a sanidade mental dela mesma. Dito isso, pode-se comprovar a projeção de culpa por meio dos relatos descritos por meio do quadro 1.

Xavier (2022) ressalta que o agressor faz com que a vítima fique emocionalmente presa a seu domínio, com a manipulação, através de ofensas, jogos mentais, intimidações e até mesmo ameaças. Desta forma, imprime um comportamento controlador sobre a vítima e acaba isolando-a, a impede de prosseguir com sua vida social e emocional. São observadas ameaças e chantagens em alguns relatos, quando as entrevistadas trazem em suas falas que “ele tinha razão, ele era o anjo, ele fazia tudo certo” (Nadini), bem como “eu não sou louca, eu disse, eu sei o que passei e não quero mais ver ele” (Nadini).

No primeiro discurso de Nadini, nota-se que ela utiliza da ironia para abordar que tudo o que ele falava estava certo, por mais erradas que estivessem suas atitudes. Na sequência, a fala demonstra que o abusador manipula a percepção da companheira, ou seja, distorce as situações para que ela duvide de sua sanidade mental. Ao afirmar que não está louca, busca validar a sua percepção, e mostrar ser ciente dos abusos sofridos.

Outro traço comum entre os agressores, e que se comprova no discurso das vítimas entrevistadas, é que ambos consumiam bebidas alcoólicas, o que pode agravar a situação de violência. Freud (2010c) em suas obras já argumentava que os narcóticos servem para buscar felicidade e afastar o desprazer, inibindo o superego (moral), e a pressão da realidade, atuando como uma forma de refúgio do sofrimento. Porém, é notável seu nível de perigo e nocividade, influenciando

as atitudes ameaçadoras, indicando que se as vítimas não os obedecessem, poderiam fazer algo contra elas.

O autor Gomes (2018) traz contribuições em seu estudo, de que muitas vezes o agressor apresenta táticas para prender a vítima psicologicamente. Ou seja, reforça a ideia de utilizar meios de chantagem e manipulação para a vítima criar dependência. Pode-se observar o exemplo de discurso que se encontra no quadro 1, quando o agressor insinua para a filha do casal, o quanto poderia ser bom estarem juntos novamente, como forma de manter as tentativas de manipulação mesmo distante.

Outra característica importante que o agressor demonstra é a possessão, e através da qual faz com que a vítima fique isolada socialmente, tornando-a mais vulnerável (Xavier, 2022). Além do que já foi percebido nos relatos do quadro 1, mais uma fala complementa e evidencia com intensidade esta possessão, a saber: “Eu engordava gado, engordava porco...fazia tudo. Nunca tinha dinheiro para mim. A minha menina não podia ir junto na cidade, e não podia comprar nada” (Nadini).

Campos et al. (2023) mencionam que os agressores se relacionam e buscam encontrar na companhia admiração, diversão e controle. As análises dos relatos das entrevistadas Nadini e Estrela revelam um padrão de comportamento sedutor e de "bom homem", que na realidade representa uma estratégia utilizada para mascarar seu verdadeiro caráter manipulador. Por vezes, o agressor age de forma impulsiva e violenta, sentindo prazer em deprimi-la sem pensar em seu bem estar, reafirmando que o seu foco que é o próprio ego. Tais atitudes levam a um esgotamento emocional importante por parte da vítima.

3.2 PERFIL PSÍQUICO DA VÍTIMA

O perfil psicológico da vítima apresenta, de forma muito evidente, uma dependência emocional, o que pode ser visto quando se apega a alguém e tem dificuldade em deixá-lo, como também em posicionar-se, tomar decisões e estabelecer limites. A mulher torna-se insegura e com baixa autoestima, podendo acreditar ser incapaz de alcançar seus objetivos e perceber seu valor. As autoras Alves e Campista (2023) ressaltam que o papel de vítima que é atribuído as mulheres, por vezes até mesmo acatado por elas, dificulta a ruptura com o sofrimento.

É de fato verdade que as mulheres enfrentam pressões e fazem sacrifícios dentro do lar sem ter a chance de se posicionar, impor suas vontades, para evitar estresse e agressões de seu companheiro. O discurso e a ideia são as mesmas, de que elas possuem o dever do cuidado materno natural e insubstituível para com o outro, assumindo um lugar de passividade com os ocorridos (Iaconelli, 2023). O quadro 2 apresenta as principais características do perfil psíquico da vítima, tendo como base os relatos coletados nesta pesquisa.

Nota-se que as falas apresentadas no quadro 2, mostram o discurso e comportamento de

submissão diante das vontades e necessidades do agressor, abdicando de seus desejos e evidenciando uma posição passiva das mulheres. Freud (1996a) já abordava sobre a supressão da agressividade feminina instituída e imposta pela sociedade, ou até mesmo por medo, favorecendo os impulsos masoquistas, que são tendências auto destrutivas. Este pensamento converge com Xavier (2022) quando esta coloca que o masoquismo anda lado a lado com o feminino, sendo uma relação de prazer.

Quadro 2 - Perfil psíquico da vítima.

Características	Entrevistada Nadini	Entrevistada Estrela
Submissão e insegurança	“Só mandava em mim, e só eu fazia as coisas. Comprar, eu não podia. Só ele fazia tudo”.	“Eu teria de mudar para estar com ele. Aí eu ia mudando, deixava de sair, deixava de usar tal roupa, deixava de usar tal coisa”.
Sentimento de medo	“Se tu não ficar quieta, vou te matar. E só falava em matar”.	“Eu ficava com medo de ser agredida”.
Dependência e passividade	“Quando eu falava alguma coisa sobre ajudar a mãe...Não! A tua mãe não precisa de ajuda”.	“Era privada de sair com minhas amigas, de fazer um jantar com elas, de ir na academia”.
Impulso masoquista	“Eu nunca ganhei dinheiro. Nunca”.	“Ah, eu quero colocar silicone um dia. Daí ele falou: o teu salário é muito pouco. O que tu pensa? Vai pegar dinheiro da empresa?”.

Fonte: Dados da pesquisa.

Outro traço impresso no comportamento das vítimas, que está contido neste funcionamento masoquista, é a autopunição. Mesmo não verbalizando, assumem culpas indevidas, e carregam de forma latente este fardo como seu. De Oliveira et al. (2016), argumentam que o agressor ao colocar a culpa de seus atos abusivos na mulher, potencializa que esta sinta-se culpada e responsável pela agressão. O sentimento de medo diante o agressor por conta das violências e ameaças, deixa a vítima sem ação, o que favorece vários traços de comportamento do agressor.

Nota-se em ambas as entrevistas, que os agressores buscavam isolar as mulheres para ter o controle completo. Xavier (2022) reforça que as vítimas são induzidas a não poder contar com o apoio dos demais amigos e familiares, abrindo mão de seu desejo e poder de escolha, tornando-se dependente do agressor e ficando mais vulnerável. Essa dependência faz com que a mesma se sujeite a ele, buscando por aprovação. Acrescenta-se ainda a característica de controle na parte financeira, onde apenas o homem carrega o direito de gastar, sem deixar a companheira a par dos gastos, ou a proibindo de adquirir algo que deseje.

À luz das declarações das entrevistas, percebe-se a forte submissão que sofriam, o medo do agressor, ficando sob o domínio do mesmo, e a evidente dependência emocional e financeira. O convívio com outras pessoas dificilmente era permitido, pois assim poderiam ficar mais vulneráveis às hostilidades. Em razão da vítima ser desfeita em tudo que faz, é potencializada sua insegurança em tomar qualquer atitude, ficando à espera do agressor decidir o que deve fazer, acreditando que é incapaz de fazer algo por si mesma, sustentar sua subjetividade, seus desejos. Esse modo de funcionamento acarreta uma baixa auto estima, resultando uma imagem negativa de si, juntamente com a autodesvalorização.

3.3 CONSEQUÊNCIAS PERANTE OS ATOS ABUSIVOS

Considerando os relatos coletados durante a realização das entrevistas, ficaram evidentes os prejuízos psíquicos no que diz respeito a saúde mental das mulheres vítimas dos relacionamentos abusivos. O quadro 3 apresenta sumariamente, por meio das informações repassadas por Nadini e Estrela, as consequências perante os atos abusivos sofridos pelas vítimas.

Quadro 3 - Consequências perante os atos abusivos

Estado deprimido e esgotamento emocional	“L. sempre me dizia: - Mãe, quando o pai volta me dá um nó no estômago. E eu disse: - Não só pra ti, pra mim também!...por que nós não podíamos ver ele mais vindo pra casa, pois tínhamos nojo dele. Sabe o que é ter nojo de uma pessoa?...por que ele vinha para casa e só brigava. Meu Deus do céu!” (Nadini). “Parece que não era nem viver porque eu não queria fazer planos não queria pensar o que ia acontecer ano que vem no outro ano” (Estrela).
Ansiedade	“Eu me preocupava com a possibilidade de ele bater o carro... ele podia matar alguém, e assim por diante” (Nadini). “Então era esse ciclo. Eu acordava já pensando: o que eu vou falar pra ele hoje durante o dia, para que a gente não brigue” (Estrela).
Vulnerabilidade devido a falta de rede de apoio e vínculos	“Só que quando eu dizia para a minha mãe que eu queria me separar, ela respondia: -Não. Não pode se separar. Deus me livre! Vai passar fome. Pensa na tua menina...” (Nadini). “Rede de apoio mesmo eu não tive. Digamos assim: eu saí dessa sozinha. Até mesmo porque a minha família não tinha conhecimento do que é a violência doméstica. Eles não tinham conhecimento do que eu estava passando de verdade” (Estrela).
Sentimento de solidão	“Ficava em casa. Trabalhando, sabe?... o dia inteiro, cuidando da minha filha” (Nadini). “Era privada de sair com minhas amigas, de fazer um jantar com elas, de ir na academia” (Estrela).

Fonte: Dados da pesquisa

De Oliveira et al. (2016) afirmam que por meio de práticas de violência psicológica o agressor consegue manter a vítima dominada através de manipulação, deixando sua companheira deprimida, ou seja, em um estado emocional de tristeza constante. Uma das participantes da pesquisa, comentou: “Nos últimos meses foi quando os meus pais viram que eu não estava bem, e que eu não estava mais com vontade de viver. Eu parecia fisicamente diferente. Eu chorava bastante” (Estrela).

Houve sofrimento silencioso, causado pela dificuldade de perceber o que não é visível, como a violência psicológica. No entanto, por vezes até as agressões que deixam marcas físicas como pequenos hematomas, não são reconhecidas como violência, conforme evidenciado por meio desta fala: “Nunca bateu em mim. Claro, ele segurava no braço as vezes, e eu achava normal. Não sabia que isso já era uma violência” (Estrela).

Albertim e Martins (2018), salientam que xingamentos, ameaças, agressões físicas ou psicológicas, deixa o psicológico da vítima muito fragilizado, carente de auto estima, levando a um estado deprimido e esgotamento emocional. Devido às ameaças contra sua vida, insatisfação e brigas constantes por parte do companheiro, vivem em alerta e ansiosas, pois a qualquer momento pode acontecer algum tipo de opressão, sem necessariamente ter uma justificativa aparente, conforme as falas destacadas no quadro 3.

Alves e Campista (2023), destacam que a mulher muitas vezes é receptora dos atos abusivos, e abrir mão de um desejo é angustiante por conta da idealização que tem sobre o relacionamento. Esta vítima acredita que o relacionamento poderá tornar-se bom, que deve sustentar as adversidades mantendo a esperança de que o companheiro irá mudar, e que voltarão a ter a relação maravilhosa que tiveram no início. Essa idealização transforma-se em frustrações recorrentes e potencializa o sofrimento emocional da vítima. Reforça-se essa ideia com o relato:

Depois de 2 anos, fomos morar juntos na casa que construímos. Tínhamos toda essa questão de relacionamento, de família, de querer montar uma família. Enfim, a gente nunca casou, nunca fez papel de casamento, mas era união estável, né!?...Conquistamos juntos e foi crescendo (Estrela).

Tendo em vista os prejuízos, é de extrema importância um suporte emocional para auxiliar a passar pelos momentos difíceis, e ajudar a se conscientizar das agressões sofridas (Xavier, 2022). Os relatos evidenciam que a falta de redes de apoio, vínculos afetivos com outras pessoas, familiares e espaços sociais de convívio para as vítimas foi prejudicial, pois as tornou mais vulneráveis as hostilidades. Ainda, no discurso de Nadini sobre o posicionamento de sua mãe em relação a uma possível separação (quadro 3), é perceptível que a fala carrega a questão de a mulher sozinha não ser capaz de trabalhar, cuidar da filha e de si mesma, o que reforça a ideia de que ela precisa do homem para sobreviver.

Saffioti (2015) afirma que somos seres gregários por viver e se relacionar com os outros, e

ao ficar isolada o resultado pode ser prejudicial. O isolamento social, a falta de convívio com pessoas importantes pode aumentar o sentimento de solidão, tristeza e ansiedade. Os prejuízos às vítimas são inúmeros, gerando impactos profundos e duradouros na saúde mental e física, além das consequências relacionadas com a perda de autonomia. O estresse prolongado e isolamento também podem causar ansiedade e depressão, o que torna importantíssimo a conscientização sobre essas relações de abusos. Torna-se necessário desconstruir muitas crenças, melhorar a autoestima, criar redes de apoio, estreitar laços e vínculos sociais novamente.

Conforme Campos et al. (2023), em um relacionamento abusivo, a mulher passa por grandes desafios emocionais, pois o agressor não assume a responsabilidade pelos seus atos, e exige que a mulher a assuma. Durante as entrevistas foi percebido, por meio dos gestos e tons de voz das entrevistadas que, por mais que tivesse passado um certo tempo desde o término, as marcas emocionais ainda estavam presentes, sob a forma de angústia, raiva e tristeza ao reportar as características dos relacionamentos vivenciados. Assim, compreende-se que no inconsciente está guardado tudo aquilo que foi reprimido, ora, se estaria na consciência traria sofrimento ao sujeito, e esse sofrimento diz respeito a certas memórias difíceis e desejos não realizados.

Segundo Quinet (2009) o inconsciente é atemporal, ou seja, as emoções e vivências não correspondem ao tempo lógico, pois elas não são limitadas pelo tempo, notando assim, que por mais que algo aconteceu a anos pode estar no inconsciente como se tivesse acontecido ontem. Isto foi notado nos relatos das entrevistadas, ao reencenar e falar com tanta emoção situações passadas, e ainda tão sentidas presentemente. Logo, fica explícito o quanto o inconsciente pode se manifestar quando as mulheres retornam a um “novo velho relacionamento”, repetindo as características comportamentais do companheiro abusivo, e retornando ao mesmo ciclo pelo fato de não ter resolvido e elaborado.

Xavier (2022) ressalta que é frequente a vítima retomar o relacionamento com o agressor, apesar dos nítidos prejuízos causados em sua vida. Ao alimentar a esperança de mudança em relação ao comportamento do agressor, fica evidente o potencial de dominância sobre a mulher. No entanto, Albertim e Martins (2018), abordam sobre o medo de muitas mulheres (re) vivenciar um relacionamento abusivo. Confirma-se essa angústia por meio das seguintes falas das entrevistadas:

Se é pra ser desse jeito, não! Daí penso que é melhor ficar sozinha, pois se é pra ter alguém que vai incomodar de novo, a vida inteira como já foi até aqui... Meus Deus! Não quero nem pensar. Então, acho que a melhor coisa é ficar sozinha (Nadini).

É...hoje eu até tenho receio de me relacionar com outra pessoa, pois eu sempre vou esperar o pior dessa pessoa. Infelizmente, a próxima pessoa que se relacionar comigo vai ter que entender, né!? Eu passei por um relacionamento abusivo e não vou me entregar assim “tão fácil” (Estrela).

Ao passar por uma relação conflituosa, é comum o medo de se relacionar novamente, pois pode gerar insegurança e desconfiança. Uma vez sentida a sensação de liberdade e reconhecimento de sua própria força, a vítima não quer perdê-la novamente, podendo pensar que a liberdade está associada a percepção que não precisar estar em um relacionamento para estar bem.

3.4 A ESCUTA E O LUGAR DA PALAVRA: ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA

A entrada em um consultório de psicologia, em geral, ocorre quando a mulher se encontra em um estado emocional já muito fragilizado. Muitas vezes o início se dá por meio de encaminhamento, por ela não perceber até aquele momento, a demanda de se deparar com o seu padecimento. Isto é, querer buscar um suporte psicológico diante das dificuldades, apresentando suas queixas e sintomas.

Diante disso, nota-se a necessidade de a vítima expor através de palavras seu sofrimento e os sentimentos não expressados anteriormente, para iniciar o processo de elaboração, desenvolvendo um olhar para dentro de si mesma e escutar as suas verdades até então reprimidas. Cabe salientar que, seguindo a linha de pensamento do Freud (2010c), a vítima apresenta o sintoma como um sinal do reprimido que tenta ganhar expressão, uma vez que, certa emoção não pode ser expressada e reprimiu para o inconsciente, deixando-a em um lugar sem acesso, restando o caminho para a descarregada apenas por meio do sintoma. Em outras palavras, com a existência de um trauma não resolvido, a dor é reproduzida através do sintoma, seja ele a ansiedade, depressão, dores no corpo, dentre outros.

O intuito do psicólogo é oferecer acolhimento, um local seguro, sigiloso e de compreensão, como também sua escuta atenta no discurso da associação livre da mulher para após intervir. Segundo o autor Zimmerman (2007), a repetição consiste no comportamento padrão em repetir certas vivências que carecem de elaboração, e isso acontece de modo inconsciente, visto que repete uma ação sem perceber, ou permanece em uma mesma situação que é prejudicial para o sujeito.

O autor Schor (2016), traz importantes contribuições sobre a repetição do estado traumático, que demonstra o fracasso da simbolização ao qual a vítima não conseguiu organizar uma saída possível diante do trauma (relação abusiva). Assim, quando ocorre de uma situação traumática ser reprimida e não há recordações, poderá ser reproduzida no ato quando se repetem situações traumáticas sem tomar consciência, ficando fixado em determinado ponto da história. Dito de outra maneira, o sujeito pode ter dificuldades em terminar um relacionamento abusivo, ou repete a entrada em uma relação abusiva por não ter recursos para elaborar a vivência traumática, e romper a repetição.

Ainda, conforme Zimmerman (2007), ao identificar o padrão inconsciente é possível trazer a luz, ou seja, a consciência as questões que contribuí com a dificuldade de romper com o

relacionamento, bem como para quebrar a repetição na escolha de relações abusivas. Assim, possibilita a simbolização, pois ressignificar permite dar um outro sentido a determinados fatos. Observa-se, que nas mulheres submetidas à relações abusivas, há a necessidade de reconstruir a auto estima, autonomia, segurança, estabelecer limites, se responsabilizar pelos desejos, e sair da posição de vítima para ser a proprietária do seu corpo e escolhas.

Essa possibilidade de elaboração de conflitos e quebras de repetições estão presentes devido a transferência, visto que a mulher transfere suas dificuldades, fantasias e desejos no profissional, onde o mesmo já foi direcionado a outros objetos, como por exemplo, figuras importantes como seus pais e autoridades (Fink, 2017). Segundo o autor Schor (2016), o movimento crucial do ser humano é o de estabelecer ligações com objetos, ou seja, desenvolver relações com outros sujeitos, e ao mesmo tempo significa que dificilmente encontrará um resultado totalmente satisfatório, afinal, a frustração devido ao desencontro com o outro é inevitável.

De acordo com a visão de Kuss (2021), na medida em que as mulheres tomam suas liberdades as taxas de divórcios aumentam, portanto, passam a amar a si mesmas e percebem que as vezes é preciso abrir mão de algumas situações em nome desse amor. O desamparo está presente na vida do ser humano desde o início dos tempos e em muitos momentos, e o sentimento de medo de perder o outro, talvez seja um medo de se perder sem a presença outro, dado que, precisa se reinventar. Assim, ocorre com a criança, que percebe a necessidade de suportar perder a mãe aos poucos, para então descobrir que o outro a deixa, mas que o eu, o sujeito fica.

A psicanálise ensina que as experiências vividas permanecem no sujeito, e apenas se alteram, se expressam de outro modo. Eis a necessidade do atendimento psicológico, tendo em vista que é fundamental conseguir acessar e processar os traumas e questões inconscientesque influenciam no comportamento, e que ao possuir a consciência e entendimento delas, pode mudar de posição frente aos acontecimentos e aliviar as angústias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações coletadas por meio das entrevistas e observações, permitiu identificar os padrões dos abusos, destacando que o agressor afeta gravemente a saúde mental das mulheres. Verificou-se que as entrevistadas se encontravam com dificuldades de romper a relação com o agressor devido a dependência, manipulação, falta de apoio e informações sobre os tipos de violências, bem como as crenças e valores sociais que reforçam a importância da mulher suportar as diferentes situações conjugais para manter o relacionamento.

Observa-se a relevância de se ter uma rede de apoio saudável para conseguir perceber a gravidade da situação vivenciada em um relacionamento abusivo e buscar ajuda. Ao identificar o perfil do agressor e da vítima, é possível repensar a situação, o seu comportamento e participação

na relação, impor limites e mudar de posição. No entanto, é um exercício individual, sob o qual a psicologia tem bastante inferência por provocar as reflexões e trazer para a consciência as percepções inconscientes da vítima em primeira instância e do agressor quando este estiver disposto a mudar alguns padrões de comportamento.

Percebe-se que é essencial a vítima reconhecer os abusos por parte de seu parceiro, que a mudança depende dela mesma, pois o agressor dificilmente vai mudar, destacando a importância da tomada de consciência e auto responsabilização pelas escolhas. O comportamento do abusador evidencia que o agressor sempre fará com que as vítimas experimentem de suas manipulações, agressões, ameaças e mentiras, mostrando que devem ser o centro das atenções e deixando claro a incapacidade de um olhar amoroso.

As vítimas, por sua vez, apresentaram padrões de comportamento como: submissão diante das exigências dos agressores, atitudes passivas, sem impor limites, medo e dependências de todos os tipos. Da mesma forma, demonstram baixa autoestima e insegurança, falta de credibilidade com si mesmas, sentimento de culpa pelos abusos, e ausência de assistência, seja ela informativa ou familiar.

Em suma, o estudo denuncia que o combate ao abuso dentro de uma relação requer conscientização sobre a situação, suporte e políticas públicas. Apesar de ser um tema debatido, por vezes ainda é romantizado, e se encontram faltantes no que diz respeito à informações adequadas para a compreensão da gravidade do problema, e assim, ações eficazes no enfrentamento dessa relação conflituosa.

Por fim, entende-se que a psicoterapia se faz necessária, visto que desse modo é possível explorar e reconhecer aquilo que ainda não é consciente, ou seja, seus modos de repetição. Ao processo terapêutico fica resguardado o poder de reflexão por parte das vítimas e dos agressores para que possam escolher quebrar os padrões de repetição e modificar seus comportamentos. É preciso se reconectar com o protagonismo da vida, elaborar, processar e ressignificar as vivências dolorosas.

REFERÊNCIAS

- Albertim, R., & Martins, M. (2018, 2 a 8 de setembro). *Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas*. [Apresentação de trabalho]. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Joinville, Santa Catarina. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>.
- Alves, F. M., & Campista, V. R. (2023). A posição feminina nas relações amorosas abusivas: contribuições da psicanálise. *Revista Conhecendo Online*. 8(1), 22–42. <https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/127>.
- Campos, A. B., Silva, J. P., & Sales, A. P. C. Defesa e proteção jurídica em relacionamentos com parceiros narcisistas: Estratégias e desafios no âmbito legal. *Revista Mangaio Acadêmico*. 5(8), 183–204. <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/mangaio/article/view/2653/217> 6.
- D' Agostini, M., Zanin, C. A. da S., Moro, C. D., Czismoski, D. F., Giacometti, E. de, Oliveira, J. C. S. D., Basso, T. R. S., & Algeri, V. (2021). Representações sociais sobre relacionamento abusivo / Social representations about abusive relationships. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 20701–20721. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>
- De Oliveira, F. M., Ávila, F. J., Bastos, N. M., & Vasconcelos, V. (2016, novembro).
- Romantização do Relacionamento Abusivo, uma Violência Silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha*. [Apresentação de trabalho]. IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão, Sobral, Ceará. https://flucianofejao.com.br/flf/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf
- Eiguer, A. (2014). A perversão narcísica, um conceito em evolução. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(48), 93 – 104. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v48n3/v48n3a09.pdf>.
- Fink, B. (2017). *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. Blucher,
- Freud, S. (1996a). *O Futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Imago.
- Freud, S. (1996b). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Imago.
- Freud, S. (2010c). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1930-1936)*. Companhia das Letras.
- Gomes, I. R. (2018). *A Intenção Feminina de Permanecer em um Relacionamento Abusivo*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Alagoas. <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3223>
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução*. Zahar.
- Kotzent, J. P. (2017). *Mecanismos de defesa*. APVP.

Kuss, A. S. S. (2021). *Amor, feminino e Solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência*. [Tese de doutorado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/19618/2/Tese%20-%20Ana%20Suy%20Sesarino%20Kuss%20-%202021-%20Completa.pdf>

Mardegan, A. M. (2023). Injustiça epistêmica: a prova testemunhal e o preconceito identitário no julgamento de crimes contra a mulher. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, 9(1). <https://www.scielo.br/j/rbdpp/a/CGMG5VjgP4Nn6xvzj93LN4x/?lang=pt#>.

Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. Contexto.

Del Priore, M. (2004). *História das mulheres no Brasil* (7a. ed.). Contexto. Quinet, A. (2009). *As 4 + 1 Condições de Análise*. Zahar.

Saffioti, H. (2015). *Gênero, patriarcado, violência* (2a. ed.). Fundação Perseu Abramo.

Schor, D. (2016) *Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática*. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo. https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=ZexfSxwAAAAJ&citation_for_view=ZexfSxwAAAAJ:LkGwnXOMwfcC

Secretaria da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul (SSP/RS). (2025, 05 de março). Indicadores de violência contra as mulheres 2024- Lei Maria da Penha.

Serviços e Informações. <https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contr-a-mulher>

Xavier, M. (2022). *De olhos abertos: uma história não contada sobre relacionamento abusivo*. BestSeller. <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TEiMEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=e+olhos+abertos:+Uma+hist%C3%B3ria+n%C3%A3o+contada+sobre+relacionamento+abusivo&ots=8Xbbq2wb6e&sig=ojuBCtEKHvc79ANC4WudaEA90a0#v=onepage&q=e%20olhos%20abertos%3A%20Uma%20hist%C3%B3ria%20n%C3%A3o%20contada%20sobre%20relacionamento%20abusivo&f=false>

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TEiMEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=e+olhos+abertos:+Uma+hist%C3%B3ria+n%C3%A3o+contada+sobre+relacionamento+abusivo&ots=8Xbbq2wb6e&sig=ojuBCtEKHvc79ANC4WudaEA90a0#v=onepage&q=e%20olhos%20abertos%3A%20Uma%20hist%C3%B3ria%20n%C3%A3o%20contada%20sobre%20relacionamento%20abusivo&f=false>

Zimmermann, D. (2007). *Psicanálise em perguntas e respostas: uma revisão*. Artmed. https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Psicanalise_em_Perguntas_e_respostas.pdf.